

a política econômica

Cesar Fonseca

A estratégia econômica do ministro Delfim Netto, de liberação das taxas de juros e restrição ao crédito, obrigando as empresas a recorrer ao mercado financeiro internacional para levantar os dólares necessários ao fechamento do déficit do balanço de pagamentos, pode sair prejudicada com a onda altista do dólar. Ela acaba inibindo as empresas de ir ao mercado, para não aumentar as dívidas em dólar, cada vez mais valorizado diante do cruzeiro.

Mais um efeito devastador da onda altista do dólar: as taxas de juros tendem a aumentar no mercado financeiro norte-americano, tornando-o atrativo aos investidores. Entretanto, os juros externos altos obrigaria o governo a gastar mais com o serviço da dívida externa. Os gastos com ele foram estimados pelo Conselho Monetário Nacional em sete bilhões de dólares, tendo como base de cálculo uma taxa média de juros de 10 por cento ao ano. Em janeiro ela estava em 10 por cento e se falava em queda, que não veio, e a taxa média do primeiro semestre aproxima-se dos 15 por cento, segundo revelou um assessor do ministro Delfim Netto. Isso equivale a um novo choque do petróleo, admite.

A onda altista do dólar no mercado financeiro internacional, provocando flutuação acelerada das moedas fortes europeias, passou a ser a principal preocupação do ministro Delfim Netto, do Planejamento. Seus principais assessores admitem que se essa tendência altista se repetir nessa semana, não haverá outra saída senão acelerar as desvalorizações do cruzeiro, para manter o fluxo das exportações brasileiras.

As consequências da desvalorização do cruzeiro, porém, serão imediatas: os preços dos derivados do petróleo seriam reajustados em espaço de tempo mais curto. Depois que os preços do óleo se estabilizaram no mercado, o reajuste dos derivados ficou condicionado somente à desvalorização do câmbio. O coordenador da Secretaria de Abastecimento e Preços (SEAP), Júlio César Martins admitiu que a onda altista do dólar não é nada boa e se ela continuar, os preços internos aumentarão em consequências da desvalorização cambial.

IMÓBILIZADO

As taxas de juros em ascen-

são favorecem a política de combate à inflação, mas diminuem o ritmo das atividades econômicas. O governo, como alertou o economista Celso Furtado, corre o perigo de ficar imobilizado nas suas ações: não pode usar a política cambial com desenvoltura, porque pode quebrar muitas empresas nacionais que aumentaram suas dívidas em dólar e é obrigado a usar frequentemente o câmbio de qualquer maneira para viabilizar as exportações, mantendo a competitividade dos produtos brasileiros no mercado internacional. Mas a aceleração da desvalorização do cruzeiro inviabiliza o combate à inflação.

No ano passado, a onda altista dos preços do petróleo fez o ministro do Planejamento recuar de sua política econômica, de crescer aceleradamente (8,5%), combatendo ao mesmo tempo a inflação, através do tabelamento dos principais agentes econômicos, correção cambial, monetária e meios de pagamentos. Esse ano, os preços do petróleo estão estáveis, com o mercado relativamente equilibrado, e apesar dos preços altos o governo está relativamente tranquilo porque diminuiu o consumo e aumentou a substituição de importações. Mas se os gastos com petróleo diminuiram, os gastos com o serviço da dívida aumentaram e a vantagem pode ser anulada.

O discurso do ministro Delfim Netto, de culpar a política econômica do presidente Ronald Reagan, dos Estados Unidos, baseada também na restrição do crédito para combater a inflação interna norte-americana, como responsável pelo agravamento das dificuldades econômicas nacionais, é sintomático.

A falta de controle sobre a economia, sujeita às variações da conjuntura internacional — como ocorre no momento em relação à política econômica norte-americana —, tira qualquer poder de negociação do ministro, a ponto dele sugerir, como única saída, que as nações se reunam no Fundo Monetário Internacional para estabelecer um mecanismo que dê maior estabilidade para as taxas cambiais ou para uma moeda internacional. Isso, na sua opinião, evitaria o perigo da flutuação das moedas, "que já atingiu um nível que começa a prejudicar o comércio".

Alta do dólar prejudica